



ENCONTRO DE CARLOS 2.º COM O VIATICCO.

AMANHECEU sereno o dia 20 de Janeiro de 1685 na cidade de Madrid, e o céu limpo de nuvens ostentava o azul formoso que tanto deleita a vista: o ar estava bonançoso, e nem a mais leve viração agitava as raras folhas que as geadas tinham deixado nas arvores; as avesinhas largando seus abrigos saíam a gozar o benigno ambiente, e alegravam o campo com seus gorgeios: ao longe o nevado Guadarrama cerrava este painel encantador, apresentando a frente coberta de neve e as faldas revestidas de azul sombrio. — Acabára Carlos 2.º de ouvir missa, e dirigindo-se a seu aposento abriu uma janella que deitava para o parque: melancolico e enfermo pareceu-lhe nesta occasião que o ar fresco da manhã o remoçava. Multidão de mancebos passeava no parque galopando e alardeando á competencia as prendas da equitação; e ao mesmo tempo grande numero de outros cavalleiros e senhores de-

sembocava pelos postigos de Segovia e da Vega, encaminhando-se para a beira do rio, ou seguindo para o Pardo. Contemplou elrei com inveja aquella concorrência alegre e bolicosa, e sentiu apoderar-se-lhe do animo aquella timidez melancolica que constituía a base do seu caracter: lembrava-se então que era reinante sobre vastas monarchias, e que milhões d'homens acatavam submissos sua voz debil, e comtudo apesar de seu mando absoluto era triplicemente escravo e muito mais desditoso que a maioria de seus vassallos. O triste monarcha via tyrannizadas a sua imaginação e vontade e até as suas menores acções pelos exorcismos, os preceitos hygienicos, e a etiqueta que pesava sobre elle com toda a rigidez do ceremonial da casa d'Austria. Cansado de tão violenta situação desprezou os mandatos do medico e mandou pôr a carruagem, e pouco depois sahio pela portinha de S. Bernardino, acom-

panhado da guarda especial de sua pessoa, baixando pelo caminho do Prado, que estava cheio de gente de todas as classes, e de cavallos, coches e liteiras: ainda a esse tempo não havia ahi calçada, ao contrario era o caminho de superficie tortuosa e desigual, e nessa hora estava em partes intransitavel em consequencia das chuvas anteriores: tão pouco se tinha erigido a preciosa capella de St.º Antonio em que deixou Goya uma de suas mais esplendidas inspiraões: alguns cyprestes e outras arvores dispersas e sem ordem faziam todo o ornamento de *la Florida*. — Ao chegar Carlos 2.º a este sitio notou que a gente parava e a sua guarda de joelho em terra inclinava em adoração os mosquetes; e em seguida viu um sacerdote que caminhava a passos lentos, precedido de um menino que levava uma lanterna: chamou-o elrei e soube que era o coadjutor de S. Marcos, que ia administrar o sagrado viático a um hortelão do souto de *Migas calientes*. Lembrou-se logo Carlos do exemplo de Rodolpho de Hapsburgo, tronco illustre de sua familia, e apeando-se ajoelhou, convidando ao mesmo tempo o cura para que tomasse o assento do coche e dando-lhe o tratamento de mercê; por suas mãos fechou a portinhola, e acompanhou a pé e de cabeça descoberta. — Bem alheio se achava o pobre hortelão da visita que ia chegar; acabava de dirigir ao céu fervorosa supplica pelo destino de sua filha nas circumstancias de ficar orphaã e desvalida; a misera chorava á cabeceira de seu moribundo pai, que via perecer em desamparo de todo o humano soccorro, quando entrou o viático precedido d'elrei e de muitos senhores da cõrte que o haviam imitado: a perturbação do enfermo foi tal que não acertava a responder ao sacerdote, não menos confundido que elle. Assim que o padre terminou seu ministerio, o rei fallou carinhosamente ao doente, inquirindo de seu estado e familia: reconheceu que a maior afflicção do mesquinho era em rasão da futura sorte de sua filha; pelo que deu á rapariga a bolça que levava e prometeu ao pai cuidar no destino della; tambem deram mostras de sua generosidade os cortezãos, a exemplo do monarcha. Retrocedeu o cura dentro do coche, e acompanhado como viera, accrescendo muito povo que dava louvores á piedade de Carlos.

Gravou-se em Antuerpia naquelle mesmo anno uma estampa que representa esta anecdota historica, e de que a nossa é transumpto. — Desde então os reis d'Hispanha tem pontualmente observado o costume de ceder o seu coche todas as vezes que encontram o sagrado viático.

O Bobo.

1128.

XV.

(Conclusão.)

A sorte das armas, e a vingança de D. Bibas tinham resolvido os futuros destinos de Portugal. Não foi esta a primeira vez, nem será a ultima, em que uma batalha ou um caturra influam na existencia ou não-existencia, no modo de ser ou de não-ser destes corpos moraes chamados nações, que apesar da sua individualidade, em rigor ideal e abstracta, não deixam de parecer corpos physicos — pela falta de vontade e de intelligencia.

Brava batalha se pelejára no campo de S. Mame-

de junto de Guimarães: a hoste do infante ahi se travára com a de sua mãe e do conde de Trava, e depois de largo conflicto, Affonso Henriquez triumphára, e D. Thereza se vira obrigada a fugir com o soberbo estrangeiro, e a ir encerrar-se no castello de Lanhoso, distante duas leguas do logar do encontro.

Mas porque não procuraram os vencidos aparrar-se dentro dos fortes muros e torres do castello de Guimarães? É o que não nos diz a historia. Pouco importa: di-lo-hemos nós. A historia não conheceu D. Bibas, e D. Bibas — muito em segredo o revelámos aqui aos leitores — nos offerece a chave deste mysterio. O bobo tornára impossivel semelhante arbitrio, e porventura ajudára a descer do céu a benção que cobriu as armas de Affonso Henriquez.

Este não se esquecêra do modo por que, e do caminho por onde, o esforçado senhor da Maia escapára ás garras do nobre tigre de Galliza. A lança de Gonçalo Mendez não reluzira enristada ao sol da peleja. Quando, porem, esta andava mais acceza e travada, varios bésteiros, que se viam ao longe guarnecendo os adarves e eirados das muralhas e torres do temeroso castello, começaram a vacillar e correr de um para outro lado, e dahi a pouco alguns delles, tombando por entre as ameias, fizeram espadanar as aguas encharcadas e verdenegras do fosso. Os habitantes do burgo, correndo a indagar a causa do terrivel espectáculo que presenciavam, sentiram misturarem-se lá no alto as acclamações ao infante com os gritos e gemidos dos que morriam. A ponte levadiça ergueu-se entretanto, e os burguezes olhando de novo para os muros viram-nos povoados de homens d'armas, em vez de bésteiros, e hasteada na torre de menagem a signa d'Affonso Henriquez. O silencio tinha lá em cima substituido os gritos de contentamento e de agonia. Então um som estranho lhes chamou a attenção. Olharam. Em uma das troneiras do carcere do alcaide o truão do paço, com os braços estendidos fóra das grades, batia as palmas, e viam-se-lhe reluzir os olhos e alvejar os dentes no meio de gargalhadas estrondosas. Por baixo da troneira um dos atalaia precipitados das ameias, atravessado de golpes luctava nas ancias da morte, e se revolvia na agua lodacenta da cárcova, a qual tingia com o proprio sangue. O bobo olhava para o bésteiro com a voluptuosidade sangrenta de uma besta-fera. Era o cavalleiro do conde que o havia aqoutado.

Dahi a pouco D. Bibas callou-se retirando-se da troneira subitamente; mas não tardou a apparecer de novo correndo pelos adarves e debruçando-se pelos eirados, donde fazia visagens insolentes aos burguezes que olhavam para lá admirados. Os poucos que entre estes eram parciaes do conde boa vontade tiveram de lhe enviar alguns tiros de béstia: um caso, porem, inesperado veio divertir-lhes a attenção: as portas da igreja de S. Salvador abriram-se de par em par, e dentro ouviu-se o som do melodioso orgão, enlevo das damas da cõrte da bella infanta, e o canto dos monges, que entoavam as orações do ritual antigo para chamar a benção do céu sobre a cabeça do principe que devia voltar vencedor dos seus inimigos.

A revolta começava no burgo pela liturgia monastica. Não havia duvida de que Fr. Hilarião tornára ao mosteiro, porque a voz fraca e tremula do velho abbade entoára as palavras do psalmo — *Deus se compadece de nós*, e os kyries dos outros monges

haviam apoz isso reboado no templo e sido interrompidos novamente por Fr. Hilarião que cantava: *Levanta-te, oh senhor!* ao que os seus confrades respondiam na toada solemne do canto gregoriano. Depois de varias orações, durante as quaes muitos burguezes tinham successivamente entrado na igreja, seguia-se uma em que era necessario proferir o nome do principe para quem se invocava a protecção divina. Ousadamente o bom do abbade garganteou:

«Oh Deus, a cujos pés está o universo, e a quem obedece tudo sob o imperio do teu servidor fiel o principe D. Affonso! — concede-lhe tempos pacificos, e piedoso affasta d'elle esta barbara guerra, para que, regedor do teu povo, guiado por ti, senhor, obtenha paz no meio das gentes.» (*)

Ao acabar esta oração um leve ruido de applauso sussurrou pelas naves, mas logo morreu em attento silencio. Fr. Hilarião continuou:

«Invocamos-te, Senhor, para que sejas propicio ás nossas preces, tu que és o rei dos reis, e o dominador dos que imperam. Volve olhos benignos para o nosso principe D. Affonso...»

Ao repetir deste nome, proferido em voz mais alta, um brado de muitos brados retumbou pelas naves do antigo templo de D. Muma: o povo que o enchia escoou-se lentamente pelo escuro portal, e as aclamações ao infante, restrugindo no terreiro contiguo, vieram reboar de novo pelas sacrosantas abobadas.

Os homens de rua, e os villões vendo o castello e o mosteiro declararem-se pelo filho do conde Henrique — revoltar-se a torre de menagem e o ritual — entenderam que o burgo, assentado aos pés dos dois symbolos da força e da intelligencia, devia imita-los. Dentro de poucos minutos pelas viellas da povoação corriam os peões armados de fundas, de béstas, d'ascumas, e fugiam para a campanha os bésteiros do conde, que guardavam os vallos e os cubellos da cerca exterior, acompanhados de apupos dos burguezes, e de muitas pedradas e viotes disparados atraz delles. Então a ponte levadiça do castello desceu, e alguns homens d'armas sahiram para o burgo. A sua frente vinha o Lidador que se dirigiu ao mosteiro, rodeado já da villanagem, que o saudava, e acclamava o infante, e que o senhor da Maia fazia affastar, para poder seguir ávante, com boas contoadas de lança, segundo era direito e costume tratar peões em semelhantes autos. D. Bibas, montado em um ginete do conde de Trava e ataviado com as suas louçainhas de bufão, seguia de perto o cavalleiro, rindo e fazendo visagens e momos, sem se esquecer de distribuir golpes de palheta á direita e á esquerda com toda a munificencia de um truão real.

Entretanto na hoste de D. Thereza se espalhára a noticia de que o inexpugnável alcacer de Guimaraes succumbira á traição, e que os inimigos tinham apparecido subitamente no seu recinto, como surgindo de sob a terra. Esta nova fizera esmorecer os corações mais robustos; mas quando os homens d'armas, bésteiros e pionagem deixados no castello e no burgo começaram a acolher-se fugitivos e mal-feridos aos pendões da hoste, e narraram os acontecimentos que os obrigaram a abandonar o seu posto, o desalento se tornou geral, e a victoria, até ahí indecisa, principiou visivelmente a in-

clinar-se para o lado do infante. Os balsões variegados dos estrangeiros abatidos pela maior parte ante os ricos homens portuguezes; as alas vacillando e retrahindo-se dos golpes furiosos dos seus adversarios; os almogaures ou corredores, simulando voltearem para comettimento inesperado, mas realmente fugindo, davam já claros annuncios de proximo desbarato. Debalde o conde de Trava com a voz e com o exemplo tentava reanimar os brios dos seus cavalleiros: debalde se atirava como desesperado ao meio dos maiores perigos; a hora derradeira do seu dominio em Portugal tinha soado; e D. Thereza que, observando o combate de um outeiro onde estava assentado o pavilhão real, tremêra a principio pela sorte do filho, conheceu emfim que negro para ella e para o conde devia ser este dia fatal. Terrível momento foi para a bella infanta aquelle em que as lanças de Fernão Perez e de Affonso Henriquez se enristaram frente a frente. Fechou involuntariamente os olhos horrorizada. Ao descerra-los de novo, descortinou o vulto agigantado do moço principe que sobrelevava aos mais corpulentos cavalleiros (::) já muito longe dalli, abrindo fundos sulcos por entre as mesnadas ou companhias dos nobres homens de Galliza. Os dois emulos do imperio tinham ferido em soslaio, e as ondas dos cavalleiros os haviam separado.

Nesta mesma occasião outros dois guerreiros tambem rivaes — mas rivaes por um affecto mais violento ainda que a ambição — haviam visto emfim satisfeito o seu odio, encontrando-se. Ao pé delles nesse momento só combatiam peões. Egas com a tenacidade de um demonio, com a prudencia tranquilla de um rancor implacavel se esquivára a todos os grandes riscos da batalha, espiando o instante em que Garcia Bermudez arrastado pela ebriedade do combate se affastasse dos cavalleiros aragonezes que o seguiam. Este instante chegou: o alferes-mór corrêra ao meio de uma ala de bésteiros que recuava diante dos fundibularios da behetria de Gontingem. Alguns golpes do seu montante deviam bastar para affastarem aquella nuvem de peões desordenados. Um cavalleiro, porem, semelhante ao nebrí que se arroja sobre a prèa se dirigia para elle a todo o correr do cavallo. Parando, o esforçado Garcia esperou-o a pé firme. Sem saber porque, o coração batia-lhe apressado.

Era Egas: a pouca distancia do alferes-mór o guerreiro sofreu o ginete, como se aspirasse o cheiro do sangue que ia correr; como sorrindo á idéa de que naquelle logar a morte teria uma nobre victima. Elle ou Garcia? Que lhe importava? Um ou outro. Para o que percesse como para o que triumphasse, o dia seguinte tinha de ser um dia de repouso e de paz.

Entre os dois proferiram-se algumas palavras. Eram baixas e rapidas: ninguem as ouviu; mas deviam ser atrozes. Quasi a um tempo o montante de Garcia falcou batendo no elmo do seu adversario, e a acha d'armas de Egas esmigalhou o escudo do aragonez: depois por longo tempo não souo alli senão o restrugir do ferro no ferro, o ranger de dentes, e um rir sumido mas infernal. Riam porque o sangue lhes começava a rever das armaduras rotas e aboladas. Os cavallos arquejavam sob

(::) Em 1832 o tumulo de D. Affonso 1.º em St.ª Cruz de Coimbra foi aberto, e pessoa que assistiu a esse acto, ou pelo menos ainda pôde examinar a ossada do nosso primeiro rei, me asseverou que esses ossos eram de dimensão extraordinaria.

(*) Em todas as circumstancias desta cerimonia religiosa seguimos rigorosa e textualmente o ritual de Silos de 1050 publicado por Berganza.

as suas rédes de malha, e sob os pesados arnezes de seus donos, que em pé nos estribos e apertando-os entre as duras joelheiras de ferro os faziam bater de peitos um no outro, e misturarem a escuma ensanguentada que lhes cobria os freios e salpicava as crinas. Os pobres animaes meneavam-se já a custo, e as forças e o animo feroz dos cavalleiros não quebravam, antes pareciam crescer. Quasi ao mesmo tempo os ginetes ajoelharam e cahiram; mas de um salto os dois adversarios ficaram em pé com a espada na mão. Os bésteiros e fundeiros que os cercavam tinham cessado de combater, e consideravam com terror aquelle espectáculo, como se uma voz de cima lhes houvera dito que esse combate era um repto de morte. Dava-lh'o, porem, a conhecer um tremendo signal: ambos destros no pelejar, nenhum curava de resguardar-se dos golpes do seu contrario, attento só a feri-lo. Naquellas almas repassadas de furor, dos dois pensamentos de vida e de morte, não cabia senão um — e era ao segundo que ambos exclusivamente se abandonavam.

Por fim o cavalleiro de Riba-de-Douro começou a levar visivelmente a melhora do generoso alferes-mór. Este não previra o recontro que o aguardava: o odio d'Egas havia, porem, calculado placidamente este. Assim, pela primeira vez elle deixára de combater ao lado do infante, vendo-o cercado de inimigos. Como a luz do astro da noite se desvanece ao subir no oriente o sol, do mesmo modo o santo fogo da amizade amortece e se apaga quando se accende ou fulge o facho das duas mais ardentes paixões humanas — a vingança e o amor.

Depois de largo pelejar o braço de Garcia deixou de responder á sua vontade energica. A espada não lhe escapou, porque lh'a prendia ao braçal uma cadeia de ferro; mas a mão não podia apertá-la: o bom cavalleiro sentiu as azas da morte roçarem-lhe frias pela frente e gelarem as bagas de suor que lh'a banhavam: vergaram-lhe os joelhos, e no lume baço dos olhos centelharam-lhe como duas fachas tremulas e rapidas de fogo vivo; vacillou e cahiu: cahiu para nunca mais se erguer. «Dulce! — foi o seu ultimo murmuro: o ultimo som que ouviu, um rugido de tigre: a ultima luz que viu, o lampear de um punhal, que lhe descia entre o camal e o saio: não fez um movimento, um gesto de supplica; não esperou nem quiz piedade. Não a queria vencido; não a teria vencedor; não poderia esperá-la.

Ao arrancar o ferro fumegante do coração do aragonez, Egas sentiu os gritos de desalento e temor dos peões inimigos, que fugiam aterrados vendo o termo daquelle duello fatal, em quanto os vilões de Gontingem lhes despediam uma nuvem de setas e pedras, acompanhadas d'injurias e ameaças. Com um sorriso doloroso o trovador olhou largo tempo para o cadaver do seu rival. Depois chamando alguns bésteiros lhes disse:

«Fazei umas andas de troncos d'arvores, e transportai este cadaver ao mosteiro de Guimarães. Lá deveis encontrar quando ahí chegardes o abbade Fr. Hilarião. Dizei-lhe que Egas Moniz o moço lhe pede uma tumba e uma sepultura honrada para tão nobre e valente cavalleiro. Dizei-lhe tambem, que a minha promessa desta noite hade cumprir-se, e que ainda hoje nos veremos!»

«Ver-nos-hemos! ver-nos-hemos! — repetiu elle em voz baixa em quanto os soldados começavam a executar o que lhes ordenára. — Apoz o cadaver do

que dorme o ultimo somno, o daquelle que respira e parece viver — tambem eu terei o meu momento!»

E apesar de mal-ferido e com o arnez despedaçado montou no cavallo que lhe offereceu um almocadem de peões, e partiu á redea solta para onde entre nuvens de pó se viam ao longe fulgurar as espadas dos pelejadores.

Mas não era peleja. Era um encalço, uma carnificina de vencidos. A todas as novas aterradoras vindas de Guimarães accrescera a da morte de Garcia Bermudez que os bésteiros fugitivos tinham espalhado. O conde de Trava retirava-se combatendo ainda, soccorrido por alguns cavalleiros mais esforçados, mas o commum dos homens d'armas fugiam desordenadamente. A sorte do alferes-mór quebrou emfim os brios até dos mais destemidos.

Quando se conheceu claramente para que lado se inclinava a victoria, D. Thereza esqueceu-se de que era mãe, esqueceu-se da altivez e dureza de Fernão Perez, para se lembrar só de que era amante e rainha, e de que mais de uma vez o som da sua voz tinha bastado a infundir ousadia invencivel no animo dos seus guerreiros. Montou n'um palafrem e acompanhada unicamente de um pagem e de dois escudeiros desceu ao campo, deixando na tenda as suas damas e donzellas, que choravam, e resavam cheias de medo, e horrorizadas das scenas de exterminio que passavam na planicie.

E as duas hostes, travadas, enredadas, involtas no pó, rolavam como uma nuvem tempestuosa afastando-se para longe do outeiro, onde estava levantado o pavilhão da bella infanta. O sol inclinava-se para o occidente, e o poderio da filha d'Afonso 6.º ia fenecendo como ia fenecendo o dia.

Subitamente do meio daquelle turbilhão de homens armados, sahiu rapido como a setta um vulto, galgando pela encosta, e encaminhando a carreira do cavallo para o lado da tenda real: o vigia que velava á entrada chamou os demais guardas, que eram apenas alguns velhos cavalleiros pousados e um troço de bésteiros do burgo.

O vulto era um homem d'armas: — parou a certa distancia da tenda, e bradou aos vigias:

«Dizei á illustre prestameira de Bravaes, á nobre esposa do alferes-mór de Portugal, que seu marido e senhor lhe ordena se dirija ao mosteiro do burgo de Guimarães, onde ao anoitecer o achará esperando. Sem réplica, e sem tardança deve cumprilo, porque a lide perdeu-se e só desse modo se poderá salvar.»

Ditas estas palavras o homem d'armas desceu com a mesma rapidez o outeiro para o outro lado.

Dulce que entre as demais damas de D. Thereza, era a unica tranquilla, porque para ella já não havia na terra nem temor nem esperança, ouviu o bradar do mensageiro. Pareceu-lhe conhecer a voz que bradava; mas logo reflectiu que era illusão. Essa voz não podia chegar até aquelle logar, porque a abobada de um carcere a abafava, e porque semelhante mensagem repetida por tal boca seria monstruosidade impossivel.

Entretanto o cadaver de Garcia Bermudez fóra collocado entre dois renques de brandões accessos no meio da nave principal do templo de S. Salvador. Alem das grades, que segundo o antigo costume separavam a capella mór do corpo da igreja, os frades psalmeavam as orações da tarde. Subitamente um cavalleiro com as armas rötas e cobertas de pó entrou, e seguindo por uma das naves lateraes

foi encostar-se à ultima columna junto do cruzeiro. Apenas o divisou, Fr. Hilarião descendo da sua cadeira onde presidia ao coro, fez signal para que se abrissem os cancellos de ferro, e encaminhou-se para o recém-chegado.

Fallaram a sós largo espaço: o que disseram nenhum monge pôde perceber; mas notaram que o abade ao retirar-se trazia os olhos arrazados de lagrymas. O cavalleiro conservava-se encostado á columna sem movimento, semelhante ao cadaver que jazia no feretro collocado no meio do templo.

Passou uma hora. A noite tinha descido: — a luz variegada das vidraças não se repintava já nas alvas lagens do pavimento. Fr. Hilarião, acabadas as orações, chamára para junto de si os monges, a quem ordenou o que quer que fosse: alguns sahiram, mas não tardaram a voltar: os outros tornaram aos seus stallos ou sédes, onde assentados cabisbaixos e de braços cruzados pareciam, no volver de quando em quando a cabeça para o cruzeiro, esperar algum acontecimento extraordinario.

No ambito da igreja silenciosa ouvia-se apenas o respirar constrangido e violento do recém-vindo, e ás vezes o crepitar das tochas que ardiam ao redor da tumba.

Este silencio, porem, quebrou-o um tropear lento de cavallos soando do lado da galilé ou alpendrada que rodeava exteriormente o edificio, e que segundo o costume da epocha servia de cemiterio ao mosteiro. O ruido approximava-se cada vez mais, até que finalmente parou junto das portas abertas ainda de par em par.

Uma dona com a cabeça coberta d'um véu branco, seguida de um pagem que trajava as côres do alferes-mór Garcia Bermudez, entrou, e chegando ao meio da nave principal correu com os olhos aquellas arcarias: a igreja parecia deserta, e apenas o habitador do feretro que ella via perto de si, esperava solitario o instante em que o deitassem no seu leito de pedra. Uma lampada baça pendente sobre o altar mór dava uma claridade moribunda, que se perdia no ambiente, e não deixava enxergar a través dos cancellos, os monges, vestidos de cogullas negras, que se conservavam assentados nos seus stallos em completa immobilidade.

Inutil é dizer ao leitor quem era a dona, que entrára: — elle o adivinhou já. Dulce obedecera á mensagem de seu marido e senhor sem alegria e sem mágua, sem confiança e sem receio, — sem querer recordar-se do passado, sem pensar no futuro: a sua alma tinha-se abstrahido da vida: as suas acções eram uma especie de somnambulismo, ou antes os movimentos involuntarios de um cadaver galvanizado. A solidão da igreja, os medos da noite, a presença de um morto não acharam já naquelle coração triturado um sentimento de terror que desper-tassem. Voltou-se para o pagem e com voz socegada, disse-lhe:

«Meu senhor ainda não veio. Ide espera-lo lá fóra, e quando chegar dizei-lhe que Dulce cumpriu á risca — sem réplica e sem tardança — a sua mensagem. Elle foi quem tão somente se demorou.»

E o pagem sahiu; e Dulce ficou em pé, com os braços pendentes e os olhos fitos na tumba: os seus joelhos não se dobravam, porque o orar não lhe traria a consolação. Nas desditas communs da existencia o espirito busca a Deus; mas a summa desventura é impia e incredula — mais que a plena felicidade.

Tambem ser-lhe-hia impossivel orar. Ouvia uns

passos que davam nas lagens um som metalico. O recém-vindo encaminhava-se para alli vagarosamente. Dulce não mostrou um só indicio de susto: despregou os olhos do feretro e cravou-os no desconhecido, com semblante sereno.

O cavalleiro chegou ao pé da nobre dama. Ella sentiu a sua luva de ferro segurar-lhe o braço; mas a mão que o segurava não sentiu esse braço tremer. Conduziu-a até a borda da tumba, e parando apontou para esta:

«Dorme o somno do verdadeiro repouso — disse Dulce sorrindo. — Quem me dera dormi-lo tambem? — Mas para que me trazeis aqui? Quem sois vós que vos atreveis a pôr mãos na mulher do alferes-mór de Portugal, que espera no logar por elle aprazado, a vinda de seu marido?»

«Eterno que fosse o teu esperar seria inutil: — respondeu o cavalleiro. Elle te precedeu aqui. Fui eu que o guici; eu que em nome d'elle chamei sua mulher; eu que os quero ver unidos. Eis quem eu sou: eis onde elle está.»

E puxando com força o panno negro de tumba, o cadaver de Garcia Bermudez com a sobreveste ainda ensanguentada, e com os olhos baços ferozmente abertos, appareceu diante de Dulce.

A desgraçada contemplou-o por alguns instantes: depois fitou a vista no cavalleiro: duas lagrymas cabiam-lhe em fio pelas faces. Insensivelmente ajoelhou com a cabeça encostada ao feretro, e o murmuro que sussurrava nos seus labios era semelhante ao ciciar de tenue aragem passando na seara madura. Orava enfim: o sentimento de piedoso dever sobrevivia ainda naquelle coração, aparentemente morto para todos os affectos. No gesto demudado do cavalleiro lampejou furor infernal ao ver Dulce naquella postura, ao ouvir as orações que murmurava. Segurou-lhe de novo o braço tentando ergue-la, mas Dulce alçou de novo os olhos para elle, e disse-lhe com voz branda e meiga:

«Egas, porque não resais tambem por Garcia Bermudez? — Era um nobre e generoso cavalleiro aquelle que o destino quiz fosse meu senhor e marido. Morreu defendendo sua rainha: Deus ha-de amercear-se d'elle, se vós lhe perdoardes como eu lhe perdoo o mal que involuntariamente nos fez: a desventura de que teceu os dias da nossa vida.»

«Nem eu lhe perdoo, nem Deus se amerceará d'elle: — atalhou o cavalleiro com um sorriso atroz. Não! Para elle não ha céu nem esperanza! Morreu impenitente e maldito. Digo-to eu que o matei. — Ouves, mulher de Garcia? Fui eu que o matei! Era uma lide medonha! — medonha! Jogavamos alma e corpo. Quando um golpe me rompia as armas, eu sentia o seu odio implacavel viver ainda no gume do ferro que me sulcava os membros: elle devia sentir viver-me odio nos fios da minha acha d'armas. Teu marido, mulher do estrangeiro, perdeu o lança: vacillou e cahiu. Não me peças que ajoelhe agora: — ajoelhei então — sobre o peito d'elle que arquejava... Foi para o assassinar! — Era um ajuste entre nós... ajuste feito sem palavras; porque de palavras não se precisava ahi. Viuva do aragonez, amaldiçoa o assassino de teu marido, e não rezes pelo condemnado: as portas do inferno não se abrem com orações. Trocou o leito da noivado pelo dos tormentos eternos aquelle a quem te prostituiste: deixa-o lá repousar, e não mistures um pensamento do céu na abominação da nossa existencia.»

O respirar de Dulce era agitado, e o rubor febril

tingiu-lhe as faces em quanto o cavalleiro fallou : depois empallideceu pouco a pouco, e em tom quasi imperceptivel respondeu :

« Deus te recompense, Egas, pelo bem que me fizeste com essas palavras ! A tua imagem estava gravada na minha alma pura, santa, formosa : era um laço indissolúvel — o ultimo laço que a prendia ao meu negro viver. Debaixo da lousa não podia vê-la e adora-la, porque lá o dormir não tem sonhos. Turbaste essa imagem com o lodo de um assassínio ; com a tua primeira covardia. Posso agora morrer. Só te peço que te affastes, para te eu não ouvir nem ver . . . Deixa-me expirar abraçada com a memoria do passado : com a lembrança do nosso amor innocente : deixa-me até o fim amar o meu Egas : deixa-me esquecer de ti, que não és já elle ! Egas, meu querido Egas . . . affasta daqui este homem vil e perverso, que ousa dar á tua Dulce o nome de mulher perdida ! . . . Vem . . . oh vem . . . meu Egas ! »

E a malaventurada, delirante já, estendia os braços para a imagem de Egas, que ella via differente do que tinha ante si. Era o seu anjo da guarda que se librava nas azas de fogo para guiar aquelle espirito tão bello e meigo a refrigerar-se de tantos martyrios no oceano das consolações eternas.

« Oh, tu amas-me ainda ! — bradou o cavalleiro com uma alegria phrenetica e selvagem. — Bem ! Levantar-se-ha uma barreira de bronze entre mim e ti, que anniquille o derradeiro clarão da esperança, se me conheces tão mal, que ainda na alma te possa restar um vestigio de esperança. Morrer ! — Tens razão ! — A minha amante polluida não póde ficar na terra. O sepulchro é o crysol que te hade tornar pura. Morre, que eu te seguirei em breve. »

Estas ultimas palavras restrugiram como um dobre nos ouvidos de Dulce. O cavalleiro affastou-se rapidamente, e chegando ao cruzeiro gritou :

« Eis-me aqui meus irmãos ! »

O altar mór illuminou-se de subito : os monges sahiram dos seus stallos onde pareciam adormecidos. Aquellas duas fitas negras ondearam movendo-se para os cancellos abertos de par em par. O cavalleiro entrou, e por meio das duas fileiras de frades, approximou-se do altar, junto do qual o velho abbade resava as orações marcadas no ritual benedictino para uma profissão monastica.

Acabadas estas, o orgão rompeu umas toadas tristes, e os côros de monges resaram successivamente os sete psalms penitenciaes.

Depois seguiram-se mais orações murmuradas com voz debil por Fr. Hilarião sobre a cabeça de Egas curvado ao pé do altar.

E no fim dellas um monge tomou da credencia uma cogulla, em quanto o abbade arrancava ao cavalleiro a sobreveste branca franjada de ouro, enodoada ainda do sangue delle e do sangue de Garcia Bermudez. A negra cogulla a substituiu então cahindo como um sudario sobre a cabeça do noviço. O som do orgão havia cessado.

Mas um grito agudo e rapido, e um pequeno baque no pavimento da igreja soaram como duas notas mais tardias daquellas tristissimas toadas. O anjo da guarda de Dulce voava para o céu atravez das solidões do espaço : uma alma o acompanhava.

No outro dia sepultavam-se em duas sepulturas diversas na galilé do mosteiro de D. Muma o alferes-mór da rainha D. Thereza e sua nobre esposa a herdeira dos Bravaes, que expirára de dôr, segundo se dizia, ao pé do feretro de seu illustre e

valente marido, morto no batalha do campo de S. Mamede.

Gonçalo Mendez da Maia, tenente por Affonso Henriquez do castello de Guimarães, e o abbade de S. Salvador, assim o haviam ordenado, separando na morte aquelles que a benção do sacerdote tinha unido para sempre na vida.

Foi um pequeno escandalo em que as beatas do burgo fallaram muito, com variados commentarios.

Um noviço do mosteiro que ninguem conhecia appareceu morto ao romper d'alva do terceiro dia sobre a lousa da sepultura de Dulce. Na face da pedra tinha escripto duas compridas trovas, que um monge curioso copiou n'um pergaminho que guardou no cartulario do mosteiro, onde ainda no decimo-sexto seculo se conservava. Quem as quizer ler procure-as na Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade.

Foi caso em que todos scismaram.

*

Provavelmente o leitor deseja saber o que foi feito de D. Bibas, e das mais personagens desta importantissima e mui verdadeira historia. Dir-lh'ohemos em breves palavras.

A rainha e Fernão Peres, do castello de Lanhoso, aonde se haviam acolhido, se deram a partido ao infante, que ahí os tinha cercado. D. Thereza apenas sobreviveu dois annos, e o conde regressou a Galliza ao solar de Trava, que herdára de seu pai.

D. Bibas reconquistou a paz d'espirito com o gosto da vingança ; e ainda por muitos annos alegrou os sarás de seu senhor D. Affonso. Morreu velho, deixando o importante cargo que exercitava aos dois celebres truões de D. Sancho 1.º — Bonamis e Acompanhado.

Gonçalo Mendez tornou-se cada vez mais famoso por inauditas façanhas contra a mourisma, até que expirou ás mãos dos sarracenos no recontro de Beja, como já de outra vez vos havemos contado.

O reverendo Eicha Martim voltou para a sé de Lamego, porque ninguem fez mais caso delle na córte, nem para bem, nem para mal. Lá comêu, bebeu, dormiu e rezou — umas vezes pelo alcorão, outras pelo breviario.

O bom de Fr. Hilarião foi apagando como póde, nos lantos banquetes de Affonso Henriquez, as saudades de Egas ; mas as diligencias que fazia para esquecer sua magua custaram-lhe a vida. Morreu de uma indigestão de dobrada, como alguns annos antes morrêra o gordo bispo de Santiago, o veneravel Ermegildo.

Deus se lembre de suas almas.

(A. Herculano.)

JOGOS DE FORÇA.

Esta classe de divertimentos é de mui remota antiguidade, e vê-se frequentemente executada nas cidades populosas onde ha maior numero de curiosos e ociosos, que favorecidos de musculos rijos e organização athletica expõem mil vezes a vida, uns pelo afan de brilhar, outros para ganhar pão. Nas praças publicas d' Athenas e Roma havia como nas modernas similhantes espectaculos, e os miseraveis histriões que os desempenhavam pediam em vez de dinheiro uma ou meia hora do attenção : já nessa

era se fazia a chamada torre de homens, célebre pela dificuldade e perigo, e em que os chins levam sobre outras nações a primazia.— A figura mostrada na gravura inclusa foi desempenhada n'um theatro de Pekim, e recebida com geral acceitação assim de naturaes como de estrangeiros; os velhos, costumados a taes espectaculos, confessaram que não tinham visto cousa mais perfeita. Por certo que muita destreza é precisa para se encarapitarem homens uns em cima de outros e formarem perfeitamente pyramides, castellos, pontes e outras figuras; que se punham em pratica antigamente por esta maneira.— Quatro homens vigorosos se postavam um em frente d'outro e se agarravam fortemente para construir a base do edificio, outros dois subiam aos hombros destes, e sobre elles ia o terceiro, e ainda sobre o terceiro o quarto, que de tão consideravel altura tomava outro que escolhiam de poucas carnes e má cara, colhendo-o d'um repellão; fazia-o girar por cima da cabeça, sustinha-o á força de pulso durante alguns minutos em postura ridicula; e o que isto fazia, firmado só no pé direito, meneava cinco ou seis vezes o pobrete e atirava com elle á turba, que o aparava com risadas e algazarra: não se sabe porem se o que servia de pélla ficava ou não estropeado na maior parte dos casos.



Addisson refere que em suas viagens pela Italia assistirá a um espectáculo muito acceito em Veneza e peculiar desta cidade. Uma quadrilha de aldeãos figuravam, sobre umas grandes taboas que em seus hombros sustinham, uma pyramide perfeita, que contava até seis corpos em altura: o peso era tão bem repartido que nenhum se podia queixar. As camadas da pyramide iam, como devia ser, em gradual diminuição, coroando a cúspide um rapaz que quando lhe parecia deixava-se escorregar destramente, e baixava rodando por aquella torre vivente, que estendia seus muitos braços para recebê-lo. — A pyramide veneziana é construída, ao que se

vê, pelos preceitos da arte, mas está longe de ter como a chim o perigoso merito da *torre de forças*. Os chins sobresaem nestes jogos e exercicios por sua intrepidez e destreza.

O CEGO PEREGRINO.

[Conclusão.]

Corre a noite triste e fria,
E quer o fado mofo
Que a inexperta donzella
Vá guiando o peregrino.
Seguem por asperos trilhos,
Já das serras estão fóra,
Entram na vasta campina
Quando assoma a luz da Aurora.
Chegados são á estrada,
Inda a esse tempo deserta;
É preciso que a um cego
Se anuncie a rota certa.
— Vai sempre — lhe diz a guia —
Encostado a este muro;
Se a direita não deixares
Chegas a porto seguro.
— Menina, tão cedo é
Que inda não me atrevo só;
Não me desampare aqui,
Do ceguinho tenha dó.
— Não tardarão passageiros,
A carreira é frequentada;
Poderás ir perguntando
Rumo da tua jornada.
— Quem madruga a estas horas
Leva pressa ou tem máu fim;
Como nutrirei esp'ranças
De que tenham dó de mim?
— Consinto ainda guiar-te
Té que o sol doure o horisonte;
Por ser caminho de casa
A encosta daquelle monte. —
Poucos passos eram dados,
E as vozes de cavalleiros
Desinquietaavam os echos
Dos circumstantes outeiros.
O tropel avisinhou-se,
O maioral conheceu
O cego fingido e falso,
E para elle correu.
— Boa prêa, senhor, tendes,
Destes mate a gente esperta;
Juro que val a manha
Mais que a força descoberta. —
C'o encontro subitaneo
A donzella desatina,
Entrevê, mas horrorisa-a,
Sorte que se lhe destina.
O rubor lhe abraza as faces,
Ostentar força parece;
Passa o colerico impulso,
Descorada desfallece.
Quem te dissera que a velha,
Em que a mãi teus olhos viam,
Era uma mercenaria
Que teus pais mal conheciam.
Fructo d'amor clandestino,
Fostes em serras criada,
Tendo de pisar palacios,
Nobre e opulenta morgada.

Quando teu pai procurava
 Chamar-te filha querida
 Presumptivo herdeiro intenta
 Roubar-te os bens e a vida.
 Mas o céu, que sempre acode
 À innocencia indefensa,
 Serviu-se para o castigo
 Do mesmo acto da offensa.
 Criado do conde velho,
 Que ia na escolta assassina,
 Se encarrega do transporte
 Da desditosa menina.
 Escuso trilho lhe indicam,
 Porque sem ser visto vá
 Onde o roubador a salvo
 Leve a effeito a tenção má.
 Designios de quem o manda
 O conductor não sabia;
 Mas que os fuis eram sinistros
 Pelos actos descobria:
 Reparando com mais tento
 Para as feições da donzella,
 Percebe que com seu amo
 Muito se parece ella.
 Lembra-lhe uma historia antiga,
 Que em segredo se contava,
 De circumstancias incertas
 Mas que ao conde respeitava.
 Pensa um pouco e enfim resolve
 Mudar rumo e sem detença
 Appresentar a roubada
 De seu amo na presença.
 Entram salas de palacio;
 E o conde se maravilha
 De caso tão imprevisto
 Que lhe restitue a filha.
 Relatára o fiel servo
 O successo extraordinario;
 Como livrára a menina
 Dos furores d'um falsario.
 Breve a donzella traja
 Galas em vez do saial;
 Obedecida de todos
 Sob o tecto paternal:
 O traidor que os bens e vida
 Arrancar-lhe pertendeu,
 Temendo a ira do conde
 De todo desapareceu.
 Lá vai expiar a culpa
 Vagabundo e foragido,
 Talvez falho de recursos
 Acabar como um mendigo (*).

A DORMIDEIRA E OPIO.

A *Dormideira branca* é aquella de que se extrahе o opio. Tournefort conta que a semeiam em muitas provincias da Asia, como nós semeamos o trigo. Os seus caules são de altura de tres ou quatro pés, directos, ramosos, guarnecidos de folhas oblongas, largas, serreadas, e de cor verde-mar claro: as flôres postas na summidade, são em forma de rosas, graudes, e ordinariamente compostas de quatro pétalas brancas: o fructo, que lhes succede, é uma capsula ovada que tem uma só valvula, e muitas cellulas por dentro, coroada de uma rodella estrellada, e que contém um grande numero de sementes pequenas redondeadas, brancas, de

(*) Está a primeira parte a pag. 35.

gosto doce, oleoso, e farinaceo; por baixo da rodella ha muitos furos, e por elles sahem as sementes. Toda a planta estando verde está recheada de um succo lacteo, amargo, e que lança um cheiro desagradavel. Semea-se no levante, como dissemos, em campo aberto. Mal que as cabeças apparecem, faz-se-lhes uma ligeira incisão, e por aqui escorrem algumas gôtas de um licôr lacteo, que se deixa coalhar, e se recolhe depois. Esta substancia prepara-se então humedecendo-a com agua, ou mel; remechendo-a por muito tempo em uma gamella de páu bem liso, com uma espátula forte até que adquira a consistencia do pèz; fazem com ella pequenas pastilhas, e este é o opio tão gabado pelos povos do levante. Ha outros diferentes modos de o preparar, e tambem se faz delle bom licôr. O opio do commercio é tirado por pressão das cabeças e folhas da dormideira tudo junto; é menos agradável do que o primeiro, e vem feito em pães do tamanho de um punho. Esta mercadoria é da Natolia, do Egypto, e das Indias: deve-se observar que a nossa dormideira por nascer em climas mais frios, não tem as propriedades narcoticas tão fortes como as naturaes de climas quentes.

Os povos do levante tomam o opio habitualmente, e longe de soffrerem a menor consequencia funesta, excita-lhes pelo contrario nas entranhas uma certa sensação agradável: elle dissipa, como o vinho, a inquietação e a tristeza; acalma as enfermidades, reanima o corpo abatido, e dá vigor ás pessoas sadias. Os turcos o tomam ao entrar nas batalhas, como os nossos soldados europeus bebem aguardente para o mesmo fim. Tal é o effeito que elle produz sobre as pessoas costumadas a toma-lo, e que usam delle com moderação; mas este effeito é bem contrario quando a dose é mais forte, ou a pessoa não está habituada; este succo, narcotico neste caso, no principio põe a pessoa de bom humor, depois faz bocejar, causa soluços, e excita gradualmente a anciedade, o vomito, a syncope, a alienação de espirito, as vertigens, o riso sardonico, a estupidez, a vermelhidão das faces, a inxação dos beiços, a difficuldade da respiração, o furor, os suores frios, o desfallecimento, finalmente um somno profundo, e muitas vezes a morte. — O opio entra no uso da medicina.

O mais admiravel porem é, que a semente encerrada nas capsulas, não participa de modo algum das propriedades dos succos da planta. Dá um oleo muito bom, que, sendo novo, é quasi tão agradável como o da azeitona, e pôde muito bem supprilo quando este falta. Commummente emprega-se para desencardir, pulir, e amaciar a pelle: os pintores fazem grande uso deste oleo, a que muito impropriamente no commercio chamam *oleo de cravos*, ou *cravinas*. — *Thes. de Men.*

Barbas ecclesiasticas. — Alguns dos primeiros padres da Igreja tomaram a prática de rapar a barba por indicio de vaidade. S. Clemente d'Alexandria escreveu que «a barba crescida contribuia para ornamento dos homens como a trança para a formosura das mulheres. — O 4.º concilio carthaginez no canon 44.º ordena que «o clerigo não ponha oleo nem banhas no cabello, nem rape as barbas como os phanos. — Os padres do rito grego ainda usam barbas compridas.

O AMOR produz mais heroismo nas mulheres que a ambição nos homens.